



INDÍGENAS KARIRI E QUILOMBOLAS DO MOCAMBO, SUMIDOURO E TAPUIO



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

QUEIMADA NOVA -
PI



PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

Fascículo N° 11 Abril 2019

Indígenas Kariri e quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuio Queimada Nova - PI

COORDENAÇÃO GERAL DO PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida - CESTU/UEA
Rosa Elizabeth AcevedoMarim - NAEA – UFPA

COORDENAÇÃO DO PROJETO CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Carmen Lúcia Silva Lima
Franklin Plessman de Carvalho
Helciane de Fátima Abreu Araújo
Jurandir Santos de Novaes

EQUIPE DE PESQUISA/ORGANIZADORES DESTA EDIÇÃO

Carmen Lúcia Silva Lima
Márcia Leila de Castro Pereira
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

BOLSISTAS PREX UFPI

Breno de Sousa Rocha
Vivian Ribeiro Magalhães

BOLSISTA PIBIC UFPI

Cristhyan Kaline Soares da Silva

CARTOGRAFIA

Jessica Maria Barros da Silva

REGISTRO VISUAL

Breno de Sousa Rocha
Carmen Lúcia Silva Lima
Cristhyan Kaline Soares da Silva
Márcia Leila de Castro Pereira
Pâmela Lúcia Leal da Silva
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento
Vivian Ribeiro Magalhães

EQUIPE DE PRODUÇÃO DAS LEGENDAS

Maria dos Humildes Pereira Ferreira
Raniele Silva Pereira
Leonaid Ferreira da Silva
Gustavo Silva Xavier

EQUIPE DE COLETA DOS PONTOS DE GPS

Breno de Sousa Rocha
Cristhyan Kaline Soares da Silva
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento
Vivian Ribeiro Magalhães

PROJETO GRÁFICO

Marcela Costa de Souza



Participantes da Oficina de Produção do Mapa realizada nos dias 25 a 26 de agosto de 2018, na aldeia Serra Grande, em Queimada Nova - PI

Durante a XIV Semana dos Povos Indígenas do Piauí, realizada nos dias 17 a 19/04/2016, na UFPI, a cacique Francisca Kariri relatou o medo que seu povo vinha sofrendo em decorrência da implementação da usina eólica na região de Queimada Nova. Nesta ocasião, iniciamos o diálogo em vista de realizar a cartografia social do território indígena e dos impactos do referido empreendimento. Ao longo da relação de pesquisa estabelecida, tornou-se necessária a inclusão dos quilombolas, pois a luta pela defesa do território é compartilhada pelos dois grupos étnicos. Nos dias 25 a 26 de agosto de 2018, na aldeia Serra Grande, no município de Queimada Nova, Estado do Piauí, foi realizada a Oficina de Produção do Mapa, que contou a participação de indígenas Kariri e representantes dos quilombos Mocambo, Sumidouro e Tapuio.

NOME	POVO
Aldenor Souza Silva	Quilombola do Sumidouro
Antonio Diego da Silva	Kariri da Serra Grande
Cicero Pereira Santos	Kariri da Serra Grande
Claudei Ferreira de Sousa Silva	Kariri da Serra Grande
Glécia Nascimento da Silva	Kariri da Serra Grande
Deomar Elias da Silva	Kariri da Serra Grande
Ednan da Silva	Quilombola do Tapuio
Eduardo Costa Luz	Kariri da Serra Grande
Gesio Gomes Ferreira	Kariri da Serra Grande
Iara Aparecida dos Santos Pereira	Kariri da Serra Grande
Janeane Nascimento da Lapa	Quilombola do Mocambo
Joacy Luiz Pereira	Kariri da Serra Grande
José Filho da Luz Pereira	Kariri da Serra Grande
José Francisco Pereira	Kariri da Serra Grande
Leonaid Ferreira da Silva	Kariri da Serra Grande
Luzia Tereza Pereira	Kariri da Serra Grande
Laudemiro Dias de Souza	Kariri da Serra Grande
Madana do Nascimento Pereira	Quilombola do Mocambo
Marcos Conceição dos Santos	Quilombola do Tapuio
Maria da Paixão Silva Pereira	Kariri da Serra Grande
Maria dos Humildes Pereira Ferreira	Kariri da Serra Grande
Maria Ednivalda da Luz Costa	Kariri da Serra Grande
Maria Francisca Pereira Ferreira	Kariri da Serra Grande
Maria Inês da Luz Pereira	Kariri da Serra Grande
Maria Ivaneide da Silva	Kariri da Serra Grande
Mariécia Pereira da Silva	Kariri da Serra Grande
Maurivan Pereira da Silva	Kariri da Serra Grande
Nilton Dias dos Santos	Quilombola do Sumidouro
Raimunda Pereira da Luz	Kariri da Serra Grande
Raimundo Xavier da Silva	Kariri da Serra Grande
Telma Neide da Silva	Kariri da Serra Grande
Teresinha Maria dos Santos	Kariri da Serra Grande

FICHA CATALOGRÁFICA

139 Indígenas Kariri e quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuio - Queimada Nova - PI / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 11 (abr. 2019) / Coordenação da pesquisa: Carmen Lúcia Silva Lima. – Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

ISSN: 2674-7413

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Lima, Carmen Lúcia Silva.

CDU: 528.9:39

(Elaborada por: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

A vida dos indígenas e quilombolas de Queimada Nova

“Já que você quer saber da minha história, eu fui criado sem pai e sem mãe, pelos outros. Fui criado passando fome, sem calçado, quase seminu. Eu nasci aqui perto na Vereda Velha. É perto, pode ser que dê duas léguas. Eu tinha dez anos e minha mãe me entregou pra uma tia



Reunião com indígenas na aldeia Serra Grande



Oficina de produção do mapa

minha, irmã dela, que morava só, sem filho. É onde eu estou hoje, onde vivo até hoje. Eu fui criado com ela. Ela foi embora pra São Paulo, mas eu fiquei na terra. Fiquei trabalhando na terra. Com dezoito anos eu fui pra São Paulo, mas nunca fiquei mais de cinco meses. Eu não gosto de São Paulo. Eu fui lá três vezes, mas voltei. Com vinte e quatro anos eu me casei e vieram dois filhos que estão comigo até hoje. Eu continuo na terra até hoje lutando pra ter o pão de cada dia, mas é uma vida que não é muito boa. A vida que eu queria não é a que eu tenho. Fui criado, além da fome, nu e não tive estudo. Eu vim estudar depois de velho. Fiz até a oitava serie, mas meu sonho era ser outra pessoa, ter um estudo melhor. Eu queria ser uma pessoa mais estudada” (Deomar, Kariri de Serra Grande).

“ Moro na comunidade do quilombo Mocambo. Sou sócia da associação. Na minha comunidade a gente vive em guerra e paz. Desde 2003 estamos organizados na associação. O negro praticamente não tem valor, tendo o quilombo a gente tem mais oportunidade na vida. O De Deus, meu primo, é o presidente da associação. O povo vive uns trabalhando pros outros de diária, da bolsa família e criando bode” (Maciane, Quilombo Mocambo).

“ Se a pessoa chegar e perguntar se eu sou negra, eu sou negra. Mas tem muitas pessoas que não se consideram. Não assume ser negra. Então esses aí não são negro, por que negro é aquele que se assume negro. Muitas pessoas não querem ser, apesar que são. Deve ser por vergonha. Todos os lugares estão ajeitados menos a nossa comunidade. O prefeito disse que não vai passar a máquina lá. A estrada é um problema, até de moto está difícil, até a pé. Quem já tem uma certa idade está ruim pra andar, porque é cheia de buraco, muita pedra solta.



Quilombolas na Oficina de Produção do Mapa



Janeane - quilombola do Mocambo

A falta d'água é também (um problema). Tem um poço lá que tem um catavento se colocasse uma bomba talvez seria mais rico d'água, por que quando falta vento, não tem água. É através do vento, sem vento não tem água. Muitas vezes os bichos passam sede, por que não tem água. A gente mesmo não bebe de lá, a gente é de pipa da prefeitura. Mês passado teve algumas pessoas que comprou uma pipa d'água a duzentos reais, por que o prefeito não estava mandando botar água" (Janeane, Quilombo Mocambo).

“O nosso relacionamento com os indígenas é bom. Somos parceiros, tanto que nos eventos que a gente tem aqui, a gente conta com eles. Também nos eventos que eles têm lá, a gente vai. Nós somos parceiros, até mesmo porque Zequinha e Francisca foram pessoas que nos ajudaram desde o início. A gente ajudou eles também no processo da Serra Grande. Nós com a Francisca e o Zequinha” (Sebastião, vulgo Cece, Quilombo do Sumidouro).

“É a questão da Teresinha. Ela vive no Quilombo do Tapuio, mas casou com um indígena. Se uniu com a gente. E ele se sente parte da comunidade quilombola” (Cacique Francisca, Kariri da Serra Grande).



Teresinha dançando o toré na aldeia Serra Grande

“A nossa vivência é viver da roça, quando chove bem, a gente arranja uma safrinha mais ou menos. Quando as chuvas são menos, a safra é menor. E já teve ano de não sair foi nada. E o nosso crião aqui é sempre de fraqueza. Minha mãe sofreu muito pra criar nós, nós somos cinco filhos. Mas Deus abençoou que criou todos os cinco e somos moradores daqui. No início do meu avô, as moradias era contado nos dedos. Era tudo mata fechada que a família era pequena. Dessas pequenas, as rocinhas eram mais pequena ainda. As condições financeiras era pequena mesmo. Não tinha esse produto de arame, era a garrancheira. Nós todos foi criado nos barraquinho de taipa e forquilha. Veio aparecer esse modelo de tijolo poucos anos pra cá. Não tem quinze anos que chegou a energia elétrica” (Raimundo, Kariri da Serra Grande).

“A gente mora aqui em cima da serra e coloca os animais pra pastar lá em baixo no Minador e Caldeirão, que é onde tem água” (Zequinha, Kariri da Serra Grande).

“ No momento a pedra (quartzito) está um pouco parada. O forte daqui é a roça e algumas coisas como aposentados, bolsa família e seguro safra quando sai. O forte mesmo é a agricultura. A gente cultiva feijão, milho, mandioca. O capim para dá aos bichos. A criação mais é de bode. Alguma cabecinha de gado alguma pessoa cria, mas é coisa pouca” (Sebastião, Cece, Quilombola do Sumidouro).

ATIVIDADES PRODUTIVAS

AGRICULTURA: mandioca, feijão, abóbora, milho, melancia e melão pepino

PECUÁRIA: bode, carneiro, galinha e porco

AGROEXTRATIVISMO: umbu, carnaúba e umbu de catitu

COLETA DE MEL: abelhas europa, maduri, brado, mosquito verdadeiro, manda saio, cupira, abelha branca

FRUTICULTURA: cajá, umbu-cajá, manga, acerola, maracujá, goiaba, mamão, ciriguela, banana e coco

A espiritualidade

“ Todos nós somos médiuns, uns desenvolve e outros não. As correntes são os guias que as pessoas têm, tem os mestres que vão desenvolver você, liberar as correntes para os espíritos. O médium tem que saber conversar com os espíritos, pedir ajuda dos espíritos. Se não souber disso, não faz nada. Fulano é curador? Não. Ele é apenas um instrutor que vai ser usado pelos os espíritos. A maioria dos espíritos é de indígena e negro. Não tinha os donos dos engenhos? Tem eles também. Para você cantar um ponto, você tem que pedir licença.

Pra cantar um ponto, um canto ritual, você tem que ver se está na hora certa. Você não pode cantar sem ser na hora certa, se não você vai atrapalhar o guia. Para chamar um espírito, você tem que tá preparado, saber para que você está chamando ele. É para cura? É para expulsar o demônio? É para fazer uma cura a distância? É isso. Pra mim fazer um ponto aqui, por fazer, sem saber o significado é perdido. Você não vai deixar o espírito vagando. Tem um ponto pra chamar e um pra retornar, levar ele pro mesmo lugar que ele estava. Tem vários espíritos. Tem espírito bom e o ruim. Um caboclo desse, uma cacique dessas ou eu, no dia que a gente morrer vai pro céu ou pro inferno? Vai não! Nós ficamos na terra. Se eu for um médium bom, eu vou fazer o bem. Outro médium que vem depois de mim, na nova geração, eu já estou morto, eu vou usar o corpo dele, vou entrar nele, entendeu?, Vou entrar pra eu ensinar o remédio para as pessoas. Entendeu como é que é?



Deomar e Zequinha - Kariri da Serra Grande

Como funciona? Se a senhora pensar que vai morrer e vai pro céu, vai não! Ficam na terra pra ajudar as pessoas. Isso são os encantados. Os encantados estão até hoje e vão até o fim do mundo” (Deomar, Kariri da Serra Grande).

MEDICINA TRADICIONAL

REZADORES: Deomar, Manuel, Lourdes, Raimundinho, Sandra, Antonio, Alex, Amália, Martina, Zé Crispim, Afonso, Cece, Inácio, Marlene, Zefinha, Mariô, Maria Jacinta, Diana

RAIZEIRO: Deomar

GARRAFEIROS: Deomar, Tia Maria, Maria Rosa e Marlene

PARTEIRAS: Francisca, Joana, Lilia, Luzia, Raimundinho e Dona das Dores



Paisagem da Serra Grande, município de Queimada Nova, região do semiárido piauiense

A falta d'água é um sofrimento

“ Água, esse é um sofrimento de todos. É o mais necessário, porque sem água ninguém vive. O pão você fica uma semana sem comer e você não morre de fome. A água você fica dois dias e você morre de sede. Dois dias e morre de sede. Eu vivo arrebatada de carregar água nas costas para dar de beber a eles aí. É brincadeira? Não é. E era dentro desses moro aí. Eu trazia água lá do Minador para uma casinha que nós tínhamos no pé da serra. Não é fácil viver neste lugar aqui” (Luzia, Kariri da Serra Grande).



Dona Luzia, matriarca dos Kariri da Serra Grande

“ Minha tia que cuida da minha outra tia que é deficiente, a cisterna dela está seca. Para elas beberem tem que ser do poço. As duas tias, a deficiente e a que cuida dela” (Maciane, Quilombo Mocambo).

“ A questão da água é assim: os barreiros são pequenininhos. De agora em diante se acaba. Têm uns sete barreiros que a prefeitura fez. Quando eles querem arranjar os votos, eles

fazem uns buraquinhos que acumula pouca coisa. De cinco anos pra cá, o pipa está abastecendo. De três em três meses, de quatro em quatro eles abastecem. São três cartões para nove famílias. Você ganha em setembro, você volta a ganhar em dezembro. Dentro desse período, se regrear, fica na rapa, mas não dá. Mas como todos os donos de cisternas têm animais, tem que beber ali. Quem tem condições, mesmo flagelado, pisa na menor tripa para pagar um particular. A vivência aqui é um sufoco. Essas cisternas são uma benção. O meu barraco tem um telhado e tem outra casa de aviamento. Eu tenho duas cisternas. Uma é só para o pote, a outra fica pra lida” (Raimundo, Kariri Serra Grande).

Situados na fronteira entre a Bahia, Piauí e Pernambuco

“Aqui é pertinho: Piauí, Bahia e Pernambuco. Bem aí pertinho de casa. É como daqui para aquele cruzamento ali já é Bahia, pra cá já é Piauí. Vocês passaram naquele cruzamento do campo, ali já é Bahia. Para cá já é Piauí e aqui já tem uma garrinha do Pernambuco” (Laudemiro, Kariri da Serra Grande).



Escola construída pela Prefeitura de Afrânio, Estado de Pernambuco

“Primeiro veio à energia, depois o colégio e em seguida a casa de farinha. Tudo pelo Pernambuco. Aí começou a briga e até hoje quando o INTERPI veio medir aí, até hoje é briga. Teve gente dizendo que a terra que mora é do Pernambuco. Os político de Afrânio têm uns lá que dizem: - Isso é conversa. Lá é de Pernambuco, não é do Piauí não. Vêm uns lá de Teresina, aí diz: - Aí é Piauí. A gente fica doido, enquanto não vir uma equipe oficial pra dizer aonde é que vai ficar. Essa terra aqui quando começou era uma terra só. Não tinha esse negócio de divisão de Pernambuco, Piauí e Bahia. O meu objetivo é ver o documento legalizado, ninguém tomar e poder dizer: - Aqui é de vocês! Ninguém toma. É assim que eu quero que aconteça. Já foi medido pelo INTERPI, mas continua a mesma briga dizendo que é de Pernambuco. Nós queremos a demarcação já! Quanto mais demora, a gente vai ficando velho. A gente quer morrer com a história na mão. Mesmo no caixão, a gente quer morrer deixando a história para os outros. Nós lutamos e defendemos a nossa terra” (Deomar, Kariri da Serra Grande).

A luta pelo território

“ Eu sou da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí. No Estado do Piauí nós temos mapeadas mais de duzentas comunidades quilombolas. Eu sou também da Coordenação Nacional, o movimento está organizado nos estados e no nível nacional. Nossa bandeira de luta é a regularização fundiária e discutir regularização fundiária é conflito. Falar em terra é falar em conflito. A nossa bandeira é regularização fundiária não porque a gente quer tomar terra dos outros, mas porque a gente quer a garantia do nosso espaço de vida. É isso que a gente quer” (Rosalina, Quilombo Tapuio).



Rosalina falando sobre a parceria entre indígenas e quilombolas na II Assembleia dos Povos Indígenas do Piauí

“ O primeiro que lutou por essa terra aqui já morreu, chamava Berlamino. Ele morava num lugar aqui que se chama Massapé, num lugar aqui em baixo. Subiram dois caçadores na época, aqui era uma terra virgem. Um disse pro outro: - Aqui, essa terra é boa pra mandioca, vamos abrir uma rocinha aqui. O outro falou: - Vamos. Aí abriram a roça. Esse senhor do Panácio, que chamava Florêncio do Panácio se sentiu prejudicado e mandou os vaqueiros aqui e mandou abrir a roça dos caçadores. Abriram pra ele aqui, era para criar gado. Esse Berlarmino ficou com dó e foi até Teresina. Não era Teresina, ficava pra cá, era Oeiras, a sede na época era lá. Ele foi a pé. O chinelo dele era de couro de tamanduá. Ele foi até o governo e contou o caso para o governo e fez uma carta e mandou uma carta para o Florêncio e caso ele não atendesse aquela carta, aquela ordem, o governo ia mandar a polícia pegar ele aqui. Então, ele leu a carta, não foi contra a ordem do governo e liberou os trabalhadores rurais. A serra era para os trabalhadores rurais, não era para criar boi. De lá pra cá começou. Esses trabalhadores rurais eram indígenas e ainda hoje é. Essa guerra começou de lá e foi aumentando até hoje. Já estou com a barba branca e eu cheguei aqui eu era criança. Meu sonho é ver essa terra legalizada, dizer assim: É de vocês. Por que nós têm um começo do documento, já está em processo. Foi medido pelo INTERPI, mas falta a gente fazer a divisão, fazer os pontos com as variantes. A gente quer o documento na nossa mão. Dizer assim: -Agora é nosso! Com a terra na mão, a gente pode abrir poços, fazer escola, posto de saúde. E assim por diante. Sem a terra a gente não pode fazer uma casa” (Deomar, Kariri da Serra Grande).



Sebastião, vice-presidente da Associação Quilombola do Sumidouro, concedendo entrevista

“ Nós tivemos um conflito com o poder público. Aqui a gente tem um olho d'água permanente, não falta. Como aqui é um lugar seco, eles começaram a querer pegar nossa água para comercialização e a gente não aceita. Beber, banhar, para o consumo pode entrar, pode ser nego ou não ser. Agora para comercializar a gente não

aceita. O prefeito na época, nos ameaçou e mandou o delegado vir aqui com os policiais, nós estávamos trabalhando aqui em um mutirão, era cerca de uns quarenta homens. Quando eles foram lá nós fechamos eles. Paramos eles e foi todo mundo. – Daí você não vai passar. Mostrei para ele a declaração da Fundação Palmares, declarando como quilombola. Ele disse que não tinha conhecimento daquele documento. Depois o delegado mandou que a gente fosse para a delegacia. Eu disse: - Delegado se o senhor quiser conversar com a gente, nós temos um salão, está aqui a disposição, para a delegacia nós não vamos. Eles marcaram para vir uma reunião aqui, o prefeito, o delegado, com o secretário. Só que eles vinham pensando que ia chegar aqui e só ia ter uns nego bestas esperando ele. Quando eles chegaram aqui está o pessoal de Teresina, do INCRA, o Coisa de Negro, a Coordenação das Comunidades Quilombolas, estava todo mundo aqui, o representante da Fundação Palmares, tudo aqui esperando eles. Nós fizemos um documento junto com o prefeito, que essa fonte aqui já atendia dez regiões pra beber, lavar e cozinhar. A gente mostrando que não queria a água só pra gente, só não aceitava vender a água. Eles estavam pegando aqui e vendendo um túnel de duzentos litros a vinte reais. Desse modo a gente não aceitava. O prefeito ignorou a gente na época, achou que a gente estava querendo mandar. É tanto que a gente combinou com eles aí: - A gente vai liberar dez caminhoneta de mil litros todo dia para as pessoas que tenham necessidade. Para vender jamais!” (Sebastião, vulgo Cece, Quilombo Sumidouro).

“ Os meninos pegaram os dados lá e vieram e fizera o CAR. O CAR de comunidade quilombola, o CAR de comunidade indígena é coletivo. Por que são comunidades específicas, então é dentro da coletividade. O território indígena foi feito um cadastro coletivo em nome da Associação Indígena Kariri, da mesma forma que foi feito das comunidades quilombolas. O CAR daqui está valendo, foi feito dentro do prazo e com todas as coordenadas tiradas pelo INTERPI” (Rosalina, Quilombo Tapuí).

“ Mas não era essa só essa área, o que a gente queria era a serra toda, como era antigamente. Por que abrangia a área toda. Essa serra na época foi defendida foi toda. Não tinha nem Piauí, nem Bahia, nem Pernambuco. O objetivo nosso era esse. A gente queria trabalhar em uma terra que fosse de todos, por que tem os nossos parentes do outro lado, que está lá do lado do Pernambuco e da Bahia. Eles estão lá. Aí veio o INTERPI e dividiu: - Aqui é Bahia, aqui é Pernambuco e aqui é Piauí. O INTERPI não atingiu a Bahia, nem Pernambuco. Ele passou aqui na divisa. Eles falaram: - A gente vai fazer pela divisa, pra depois não dizerem que o governo veio e roubou as terras. Só que a gente não queria assim, a gente queria a nossa terra toda para os trabalhadores indígenas, sem falar que é Piauí, que é Bahia ou Per-



Participantes da Oficina de Produção do Mapa



Criança quilombola participante da Oficina de Produção do Mapa

nambuco. Trabalhar tudo em comum. Meu sonho é ver dizer isso aqui é de vocês, Ver aqui a justiça e dizer por aqui é de vocês. O que eu sinto eu vou lhe falar, eu sinto assim: Se Deus o livre eu morrer e eu não ver o final, se é bom ou é ruim. A justiça brasileira é lenta e corre o risco de nós não ganhar. E se outro governo entrar aí, tranca tudo. E quando é que nós vamos resgatar a nossa terra? A FUNAI alega que não tem recurso. E quando esse recurso vai vir? Cada dia que passa é mais difícil. E meu sonho era ver isso aqui realizado, ver o documento. Depois da terra a

a gente podia correr atrás da água. Com a terra legalizada nós corríamos atrás de poço, barragem, o que seja mais fácil. Depois vinha a escola e o posto de saúde, porque sem a terra não consegue. Pra você fazer a casa tem que ter o terreno. Enquanto não legalizar a terra, não pode dizer eu vou trazer o poço pra cá, vou pedir uma barragem. Não, não tem como. Em primeiro lugar é a terra. A terra indígena pode abranger o Pernambuco, a Bahia e o Piauí. Era isso que a gente queria, uma terra aqui na serra que acolhesse todo mundo. Sem distinção de raça e de cor. Mas eles não querem. Eles querem que até aqui onde eu estou seja Pernambuco e não Piauí. Como é que pode?” (Deomar, Kariri de Serra Grande).

Conflitos com os empreendimentos energéticos

“Essas empresas estão vindo com tudo pra tirar nós das terras da gente” (Maciane, Quilombo Mocambo).

“Eles chegaram aqui e nas primeiras palestras deles era que o rico ia milionar, o pobre ia ficar rico e quem andava jogando areia quente na bunda com um chinelo ia passar a andar de moto e de carro e não era um carro só não. As histórias eram bonitas. A conversa deles era essa, era de dá emprego a todo mundo, não tinha idade. As promessas eram bonitas. E eu sentado lá só assuntando e o outro que se faz de ativo, vai acolhendo a conversa e caindo na lama. E eu não, sou fraco de recurso. Deixa eu ser fraco de recurso. Sendo rico das graças de Deus está bom demais. Tendo o pão de cada dia pra não passar fome está bom. E se for pra passar fome, assim como Deus dá o jeito de passar fome, dá o jeito de abrir a boca e pedir e não se dirigir a roubar” (Raimundo, Kariri da Serra Grande).

“Quando a comunidade (Sumidouro) abriu os olhos, aí quando eles deram fé que as empresas chegaram, fizeram as audiências. Nós fomos participar das audiências. Foi aí que descobriram, tiveram que mostrar por onde ia passar esse projeto. Mas nós não fomos consultados que esse projeto ia passar aqui na comunidade. Ninguém sabia que nós estamos aqui? Nós não fomos consultados. Como é que eles chegam e não consultam as comunidades? A reunião, a audiência é só pra mostrar que o projeto é bom. Mas eles não mostram as comunidades que eles vão afetar. Serra grande não está no mapa. A gente



Francisca Kariri solicitando a cartografia social dos conflitos ocasionados pelos empreendimentos que ameaçam o seu território, durante o Encontro Nacional da Cartografia Social do Brasil, realizado na UNEB, Juazeiro (BA), 25 a 27 de setembro de 2017

já tem passado nas audiências. Nós estamos vendo se esse projeto da Lagoa do Barro não vai passar aqui. Nós sabemos que muitas terras aqui tem cadastro, fizeram contato com essas empresas. Mesmo que essa linha não passe, vai ter outras. Nós não temos conhecimento do que tá vindo aqui para a comunidade” (Cacique Francisca, Kariri da Serra Grande).

“ E os que negociaram com a Casa dos Ventos era pra está rico. Não vejo ninguém rico... Eu vejo a minha mãe, ela arrendou lá no Barreiro... Pois ela arrendou, tem ano que ela recebe, outro ano que não recebe. Ano passado não recebeu. Esse ano recebeu, mas o atrasado não recebeu” (Maria da Paixão, Kariri Serra Grande).

“ O conflito não está só no Sumidouro. São os impactos dos grandes empreendimentos que está entrando em nome do desenvolvimento. Não que nós somos contra o desenvolvimento, mas às vezes o desenvolvimento chega de uma forma e tem que respeitar que ali tem gente. O povo que está ali tem todo um modo de vida e com a chegada desses impactos tudo se transforma” (Rosalina, Quilombo do Tapuío).



Maciane - Quilombola do Mocambo

“ Com a Casa dos ventos, como é chamada aqui, a gente tem pouco diálogo com eles. Nós tivemos e estamos em processo com uma rede de transmissão que vem de Barreiras aqui para Queimada Nova. A gente foi procurado por esse pessoal, porque pelo regulamento da Fundação Palmares ela só pode passar livremente distante 5 quilômetro e essa vai passar 2,5 quilômetro da comunidade. Então tivemos três reuniões com eles. A gente apresentou um projeto para eles. No mês que entra eles estão vindo já trazendo o

projeto, junto com a Fundação Palmares. Agora essa da Casa dos Ventos não tiveram muito contato com a gente não. Nos últimos tempos, a gente soube que outras pessoas que não são quilombolas venderam a terra para eles dentro do nosso território. Inclusive Nelson e Rosalina

tiveram em Teresina, lá no INTERPI e já tinha três declarações de posseiros em nome de outras pessoas que não são quilombolas, dentro do nosso território e foi barrado. A gente ficou sabendo que essas três criaturas já estava cada uma com uma turbina geradora já escrita dentro do nosso território e a gente barrou” (Sebastião, vulgo Cece, Quilombo Sumidouro).



Reunião realizada na aldeia Serra Grande no dia 08 de maio de 2018

“ Primeiro era essa dos ventos, agora é a solar. Eu não tenho conhecimento. A dos ventos eu sei. O cara chegava com a conversa bonita que você ia ter uma renda boa, não ia lhe prejudicar. E eu nunca fui na conversa dele. É o seguinte, eu não vou não. Não faço isso coisa nenhuma. Aqui perto tem um senhor que queria tomar minha área todinha pra arrendar para a Casa dos Ventos” (Deomar, Kariri da Serra Grande).

“ Eu já tinha ouvido escutar, mas não sabia o perigo. A gente não sabia o perigo que estava trazendo as usinas para nossa comunidade. Se alguém chegar me pedindo pra doar uma terra, fazendo isso, fazendo aquilo, eu já não vou me vender, porque eu já sei o problema que vai me causar mais tarde” (Janeane, Quilombo Mocambo).

O problema do arrendamento de terras

“ As terras já estão arrendadas. Muita terra aqui em cima da serra já está arrendada. Foi feita uma medição que diz que não deu vento suficiente, ai arrendaram a terra pra energia solar. Agora eles estão com um novo cadastro, um novo cadastro pra energia solar, uma boa parte da Serra Grande. Muitas famílias fizeram esse novo cadastro, um novo projeto, um novo contrato. Desmancharam os contratos da energia eólica e fizeram outro. Quando eles descobriram que não dava para colocar as torres para energia eólica,

Indígenas Kariri e Quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuío Queimada Nova - PI



Senhor Gesio - Indígena Kariri da Serra Grande

eles estão agora fazendo novos contratos para energia solar. Já tá uma boa área arrendada. Isso é uma boa parte da Serra Grande. As únicas terras que não são arrendadas, se eu não me engano são em torno de 10 hectares dentro desse estudo que foi feito pelo INTERPI” (Zequinha, Kariri da Serra Grande).

“ Eu já ouvi o pessoal falar que teve gente que não ia querer fazer mais não. Eles trouxeram os papéis (contratos de arrendamento de terra) para assinar e teve uns que não assinou mais não. Porque teve uns por aí mundo afora que tiveram que sair das casas, isso não foi aqui não, foi fora em outros lugares. Aí disseram que teve um bocado de gente que saíram das casas e pensaram que se perder isso aqui, não tem para onde ir. Eles não vão indenizar para caçar outro lugar” (Laudemiro, Kariri da Serra Grande).

“ Lá no quilombo do Sumidouro, uma comunidade quilombola há mais de duzentos anos e que vive do plantio da roça. Um senhor que hoje assume a função lá que eu não sei chamar o nome, que não é mais delegado, mas ele assume essa função. Ele chegou e disse: - Você não pode mais fazer nada aqui. Agente mostrou o Decreto 4887, agente leu o artigo 68 que nos dá a garantia do território e ele repetiu e disse: - Vocês não podem dar um passo a frente aqui. Período da gente plantar a roça para tirar o sustento receber uma ameaça dessa. Porque? Porque um cidadão lá da cidade resolveu demarcar, marcar lá um pedaço para passar para as empresas de energia renovável que está instalada no município. Fazer um contrato com as empresas pra ele que está lá na cidade ficar recebendo o dinheiro por mês para se dá bem. Enquanto isso, a família que vive da roça ficar sem fazer o seu plantio” (Rosalina, Quilombo Tapuío).



Casa de farinha na Serra Grande

A divisão da comunidade ocasionada pelo empreendimento eólico

“ Os que ficam do lado de lá...porque nós ficávamos no mesmo rumo. Ele (Herculano) que ajudou a construir nossa comunidade. Resistimos numa associação todo mundo junto. Como eles não pensaram em vida, não pensaram na terra, aí chegou essa empresa e já fechou negócio com a empresa. Contrataram a terra toda para empresa. Eles disseram para nós que não queria nada conosco, com a comunidade indígena, que o negócio deles é com a empresa... Parentes da gente, todo mundo do mesmo documento e eles dividiram. Na associação aqui tinha o nome deles. Fizeram outra associação com o mesmo nome Kariri, só que lá botaram Kariri caboclo na associação deles lá, aqui mesmo no Piauí. Ainda hoje, ele (Herculano) se assume como Kariri. Ele é o pajé da comunidade. Mas eles hoje estão divididos, outra associação para lá. Eles têm associação com a empresa. Nós não entramos em conflito com eles, deixamos eles a vontade. Nós estamos aqui é pra isso: preservar a vida e a terra” (Cacique Francisca, Kariri da Serra Grande).

“ O mesmo grupo que ajudou a gente nesse auto reconhecimento da comunidade, então eles se dividiram através de associações e disseram: - Somos nós que vamos mandar. E foram eles que arrendaram todas as terras. E como não deu a produção eólica, fizeram novos contratos de energia solar. Minha preocupação é que dentro desta área tem uma pessoa que vive lá há muito tempo. E ela está arrodada, só tem ela no meio com uma casinha. Ela vai ser expulsa de lá não tenho dúvida. Aqui tem muitas propriedades arrendada aqui na Serra.



Francisca Kariri fazendo a acolhida dos participantes da Oficina de Produção do Mapa

Como eles acharam essa brecha desse pessoal dividido. A gente aqui teve um certo nível de resistência, que nós não vamos arrendar nossas terras não. Eles acharam o caminho de vir pra cá, conversar com a gente pra gente arrendar as nossas áreas, como a gente não arrendou, eles acharam esse grupo dividido, aí disse: - “Vamos arrendar aqui”. Então essa área limitada pela INTERPI foi a única não arrendada pela energia eólica, as outras foram. Quase todas elas foram arrendadas. Foi o que fizeram com esse povo lá, iludiram com questão de dinheiro e pronto. Como a gente não foi por esse lado, a gente tem essa área aqui sem arrendar” (Zequinha, Kariri da Serra Grande).

A experiência de cartografia

“ Já tinha escutado falar (de fazer mapa), mas da comunidade da gente, não. É ótimo! A gente se torna mais conhecido por todos. Parece que a gente é uma comunidade que é um deserto, que ninguém sabe da existência” (Janeane, Quilombo Mocambo).



Pesquisadores do PNCSA, bolsistas e motoristas da UFPI

“ É uma forma de defender as pessoas, a forma de colocar a comunidade no mapa que não tem, não existe. Isso é importante. O pouco que eu sei de mapa, nenhuma comunidade é citada no mapa. Dá mais valor a comunidade, aos quilombos e aos indígenas” (Maciane, Quilombo Mocambo).

“ É pra acabar com essa história das empresas que estão chegando aqui e que diz que não tem mais indígena. Ah ninguém conhece! No Piauí não conhece! Vocês não tão na FUNAI. A gente vai na FUNAI e não encontra nada. Esse é o primeiro passo para a divulgação, é esse mapa da divulgação desta comunidade. Que as outras empresas não vão mais chegar aqui: Onde é a comunidade indígena? Aonde é? Muitos deles já chegaram aqui sem conhecer. Na assembleia eles chegaram aqui: Aqui tem comunidade indígena? Nem os quilombolas que tem uma luta grande não são reconhecidos. Eles são reconhecidos em nível da Fundação Palmares, mas no município não sabe. No município não sabe onde estão as comunidades quilombolas porque não são mapeadas, não tem um mapa. Não tem um mapa pra contar as histórias desses povos, dos indígenas e quilombolas” (Cacique Francisca Kariri, Aldeia Serra Grande).

“ A gente mora em uma comunidade de fronteira, fronteira com a Bahia e o Pernambuco. O mapa não pode ser só a questão de um Estado. Tem que ser um mapa de onde as famílias precisam pra sobreviver” (Zequinha, Kariri da Aldeia Serra Grande).

“ O mapa, se não fizer o mapa não existe. Não tem o CAR? Eu tenho uma área de terra, eu tenho que fazer o CAR por que lá em Brasília eles vão saber que eu existo. Assim é esse mapa, se não fizer já era. Como é que nós vamos provar quando chegar aqui o dono da empresa. Como é que eu vou provar que aqui é nosso? Não está constando? Tem gente que acha que não é nada, mas é muito importante. O mapa é importante e depois vão ver” (Maciane, Quilombo Mocambo).

PARCERIAS

Comissão Pastoral da Terra – CPT
Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais de Queimada Nova
Movimento Indígena Estadual
Movimento Quilombola Estadual

REIVINDICAÇÕES DOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

Regularização fundiária das terras indígena e quilombolas
Construção e funcionamento de escolas diferenciadas
Construção de barragem e poços tubulares
Implementação de atendimento de saúde diferenciada



Jovens indígenas e quilombolas na Aldeia Serra Grande dos indígenas Kariri



Maria Rosalina dos Santos, do quilombo Tapuio, faz parte da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Estado do Piauí (CECOQ)



Aldeia Serra Grande dos Indígenas Kariri



Indígenas Kariri da Serra Grande



Hulmides Kariri entregando a carta de solicitação de demarcação da Terra Indígena dos Kariri da Serra Grande

CONTATOS:

ASSOCIAÇÃO INDÍGENA KARIRI DA COMUNIDADE SERRA GRANDE

Serra Grande S N, Zona Rural
CEP 64758-000 Queimada Nova
Fone: (89) 9427-3036

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO DA COMUNIDADE TAPUIO

Lugar Tapuio, S/N, Zona Rural
CEP 64758000 Queimada Nova – PI
Fone: (89) 99401-3923

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE DESENVOLVIMENTO QUILOMBOLAS DE SUMIDOURO

Sumidouro, S/N, Zona Rural
CEP 64.758-000 Queimada Nova - PI

ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE QUILOMBOS DA COMUNIDADE MOCAMBO

Mocambo, S/N, Zona Rural
CEP 64.758-000 Queimada Nova – PI



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande.
5. A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante
6. Comunidade Quilombola Buriti do Meio Núdeo
7. Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso Kalungueiros na Luta Pela Regularização do seu Território - Minas Gerais
8. Relatos das Lutas e Esperanças da Comunidade Quilombola Claro, Prata e Ouro Fino
9. Território e luta do Povo Guarani: Aldeia Jaguari, Cocalinho - MT /
10. Comunidade tradicional vazanteira da Ilha de Pau de Léguas, Manga - MG
11. Indígenas Kariri e quilombolas do Mocambo, Sumidouro e Tapuio Queimada Nova - PI



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia



FORDFOUNDATION